

NAVIOS NUMA FONTE?

Contributo para o estudo dos grafitos
históricos da Crismina

ADOLFO
SILVEIRA
MARTINS

MARIA DE
MAGALHÃES
RAMALHO

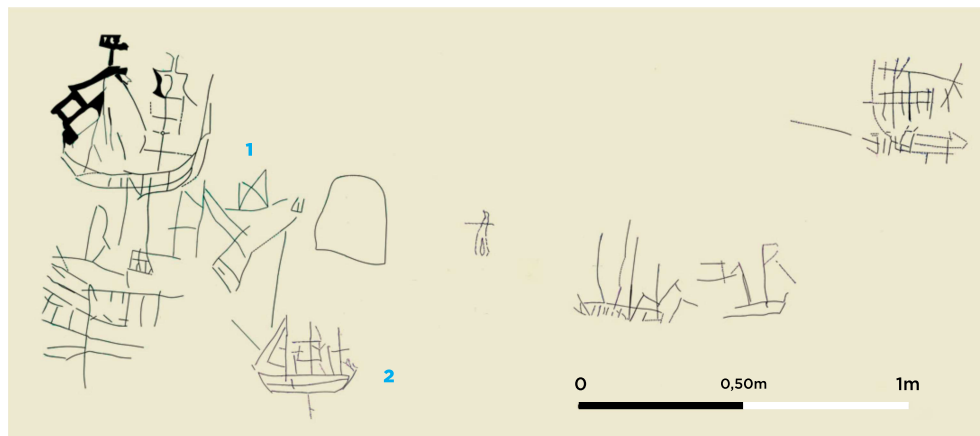
A tradução do registo, da memória e a sempre expectante ideia da permanência assumem diversas formas e expressões. O mar e o navio, pelo imaginário ou pela vivência surgem com frequência representados em suportes com qualidade artística ou apenas através de simples esboços que, na maioria dos casos, não traduzem a ideia do que pretendemos registar. No entanto esses traços marcam, na maior parte das vezes, as principais linhas da representação. Regista-se apenas uma memória, uma imagem patente, um voto ou uma dedicação.

As paredes interiores da estrutura da fonte da Crismina estão repletas de grafitos disseminados, ora constituídos por núcleos mais compactos, ora por gravações isoladas, ambos sem contexto de composição predeterminada. Tudo indica que foram registados em ocasiões diferentes, provavelmente pelos utentes da fonte que deixaram marcas da sua presença. Tal como ainda hoje se verifica em muitos dos grafitos urbanos, os locais onde são inscritos símbolos,

desenhos ou textos, passam a ser espaços propícios à continuidade de registos, estando ou não em sincronia com temas pré-existentes. Na fonte são predominantes as representações de navios, certamente pela influência que teve a sua proximidade ao mar, pela visibilidade panorâmica do oceano, ou mesmo porque se tratou de um sítio onde as guarnições da Bateria de Crismina e os marítimos da zona se abasteciam de água.

As tipologias das representações dos navios são também variadas, desde as pequenas embarcações costeiras, até aos navios de alto-bordo, umas mais pormenorizadas, as que seleccionámos para caracterizar, outras de traços muito irregulares obtidos por instrumentos casuais, fragmentos de pedra ou outro tipo de percussores ocasionais.

O traço, também já muito esbatido e interrompido na maioria das representações, dificulta uma observação que, apesar de cuidada, poderá apenas subentender e não aferir concretamente sobre a sua intencionalidade. A dificuldade acrescenta-se pela existência de manchas de líquidos,



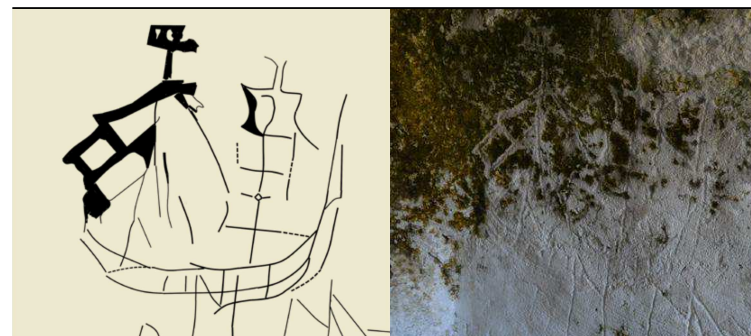
Complexo de grafitos da parede NE. Levantamento de Maria Ramalho e Mário Lisboa. Digitalização de Mário Lisboa

pela ausência de revestimento em muitas das superfícies, mas também pela recorrente pintura a cal das paredes, com a inevitável perda do traço ou, pelo menos, da sua maior visibilidade.

São na exclusividade embarcações de vela para tipologias relativamente recentes do século XIX, com continuidade para o princípio e meados do século XX, cronologias que são reforçadas pela inscrição de duas datas: 1853 e 1948.

Os grafitos da parede virada a NE correspondem

a uma concentração de traços com prováveis representações de embarcações distinguindo-se duas mais pormenorizadas e de maior expressão que surgem assinaladas com os números 1 e 2, e dois conjuntos pouco elucidativos que todavia nos parecem, em pelo menos um dos casos, tratar-se de uma pequena embarcação costeira de vela ou uma vista em maior profundidade. Neste desenho o conjunto dos traços estão esbatidos ou interrompidos, não permitindo assim uma interpretação.

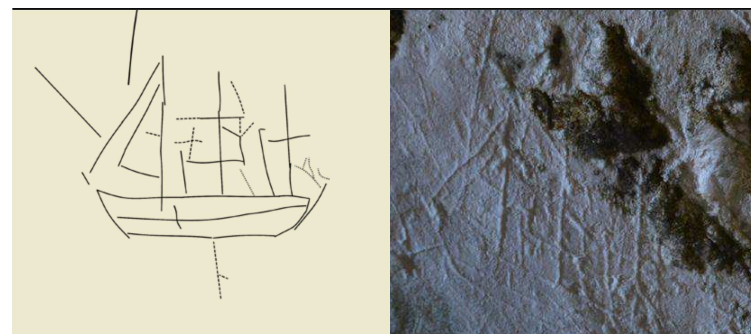


1

Levantamento de Maria Ramalho, Adolfo Silveira e Mário Lisboa. Digitalização de Mário Lisboa. Fotografia: Frederico Henriques

Assinalado com o n.º 1, interpretamos este desenho como uma embarcação de alto bordo, provavelmente um brigue de 10 a 12 peças de artilharia. O casco delimitado apenas por dois traços está definido pela linha de água e coberta corrida, sem castelos. O mastro em maior evidência parece corresponder ao do traquete, mais à proa e com as respectivas vergas, vela, velacho, joanete e sobre-joanete de proa. O traço não é bem definido para o mastro grande que parece

suportar uma vela-ré. O conjunto da mastreação e velame de popa não é muito perceptível pois confundem-se os presumíveis cabos de estai e brandais com as velas. À proa um traço tímido poderá corresponder às velas de proa. A representação no tope do mastro grande poderá ser eventualmente o desenho de um pavilhão. Na envolvente encontram-se muitos traços dispersos sem definição de forma.

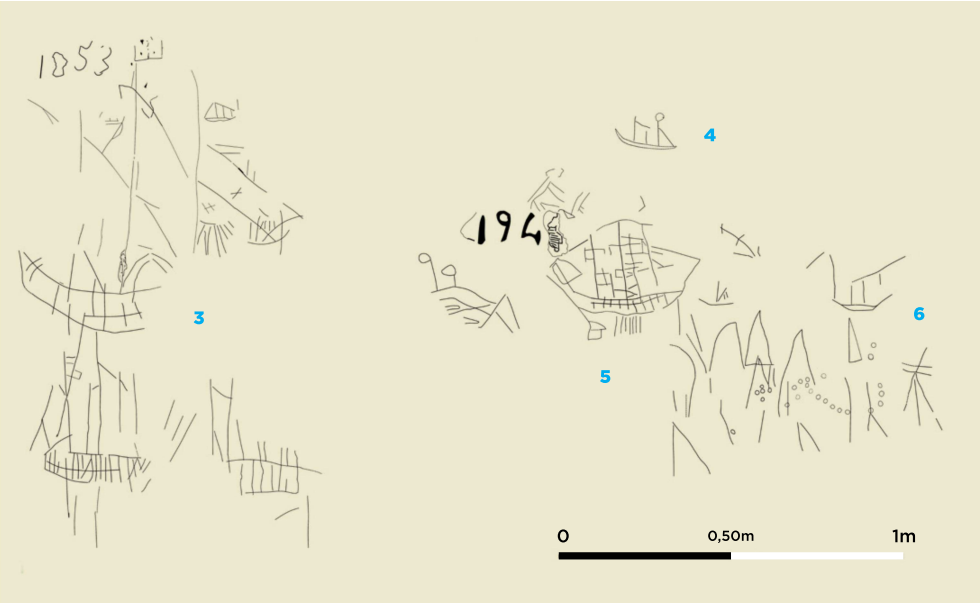


2

Levantamento de Maria Ramalho, Adolfo Silveira e Mário Lisboa. Digitalização de Mário Lisboa. Fotografia: Frederico Henriques

Esta representação de navio indicia tratar-se de um lugre-barca de duas cobertas. O casco é corrido com três mastros. O do gurupés surge junto com o traço de velas de proa, o do traquete apenas com uma verga, o grande com gávea, o que subentende

a existência de um latino grande e, o da mezena, com mezena e indícios de gavetope. As velas melhor traçadas são a redonda do mastro grande e a latina da mezena. Os restantes traços poderão representar cabos, estais, brandais e velachos.



Complexo de grafitos da parede SW.
Levantamento de Maria Ramalho e
Mário Lisboa. Digitalização de Mário
Lisboa.

Na parede virada a SW foram assinalados grafi-
tos que numerámos de 3 a 6 cujo traço, sobretudo
nos números 4 e 5, é mais preciso e definido.



Complexo de grafitos da parede SW.
Levantamento de Maria Ramalho
e Mário Lisboa. Digitalização de
Mário Lisboa. Fotografia: Frederico
Henriques

O conjunto 3, para além da data de 1853, ostenta
imagens de navios de difícil caracterização pela
indefinição do traço. Supõe-se representarem
dois cascos compostos por linhas diversas que
sugerem dois navios parcialmente inscritos,
com elementos parciais do casco e algumas li-

nhas para os mastros, cabos, velas e pavilhões.
No topo superior direito do conjunto, de modo
mais preciso, observa-se uma pequena embar-
cação vista de longe que, pelo formato do vela-
me, poderá condizer com um lugre.



Levantamento de Maria Ramalho,
Adolfo Silveira e Mário Lisboa.
Digitalização de Mário Lisboa.
Fotografia: Frederico Henriques

Pequena representação de uma embarcação
que poderá corresponder a um iate ou a uma
escuna, dada a proporcionalidade do conjunto.
O casco é determinado apenas por dois traços
muito afilados. Tem dois mastros de pano latino

no traquete e no grande. Apesar da simplicidade
esquemática do contorno, distingue-se a vela do
traquete latino e do grande latino, esta que se
confunde numa apenas: a do grande com gave-
tope. As velas de proa não estão representadas.

5

Levantamento de Maria Ramalho,
Adolfo Silveira e Mário Lisboa.
Digitalização de Mário Lisboa.
Fotografia: Frederico Henriques

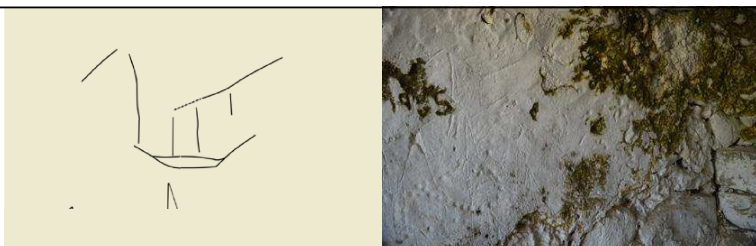


Embarcação de alto-bordo que aparenta ter pelo menos duas cobertas. O casco está seccionado por uma linha traçada que poderá representar as portinholas das peças de artilharia sugerindo ser uma fragata. Observam-se quatro mastros: o guprés à proa, o traquete, o grande e a mezena. As velas são pouco definidas em contorno, assinalando-se, todavia, a cevadeira, as velas

e velachos dos mastros grande e traquete e a latina da mezena. Para além disso observa-se, também, o traço das velas auxiliares, dos estais e dos brandais. Junto à embarcação, no topo esquerdo, surge a data de 1948 que não podemos assegurar estar relacionada directamente com o desenho.

6

Levantamento de Maria Ramalho,
Adolfo Silveira e Mário Lisboa.
Digitalização de Mário Lisboa.
Fotografia: Frederico Henriques

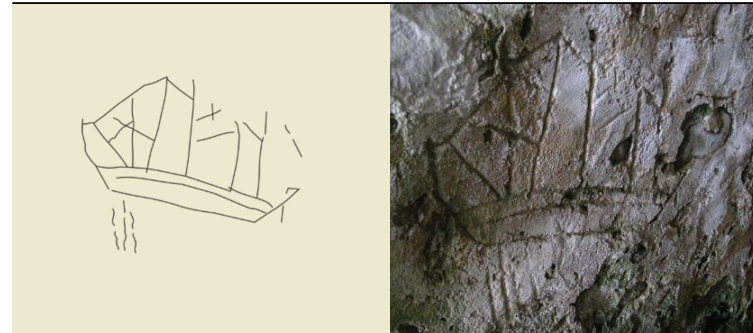


Entre traços indefinidos na forma surge o contorno de uma embarcação de pequeno porte figurada por traços simples mas que, todavia, nos

induz à sua forma: dois traços para o contorno do casco e dois para a figuração dos mastros.

7

Levantamento de Maria Ramalho,
Adolfo Silveira e Mário Lisboa.
Digitalização de Mário Lisboa.
Fotografia: Frederico Henriques



No topo da parede a NE, junto da caixa de recollecção da água, observa-se o contorno de um navio de alto-bordo de pelo menos duas cobertas marcadas pela definição do casco e de uma linha mediana no seu comprimento. Os traços

de contorno das velas, que nos parecem latinas, poderão confundir-se com as linhas que definem os mastros. Uma interpretação possível é tratar-se da representação de um lugre.

Concluindo, o estudo efectuado permitiu identificar uma grande dispersão de traços nas paredes internas da fonte da Crismina, muitos deles interrompidos, esbatidos ou sobrepostos. Com precisão foi possível aferir o contorno de sete representações de navios e duas datas inscritas,

uma de 1853 e outra de 1948. É provável que existam outros desenhos de navios ou de símbolos todavia, a multiplicidade de pequenos traços, ou de conjuntos de sinais sem aparente significado, não nos permitiram, até ao momento, uma interpretação mais segura.

Bibliografia

CARPENTIER, Vincent; GHESQUIÈRE, Emmanuel; MARCIGNY, Cyril ; DUBOST, Didier; DÉTRÉE, Jean-François (2001) – Graffiti marins et lecture ethnographique des comportements maritimes aux XVIIIe et XIXe siècles. L'exemple de « Maltot » à Réville (Manche). In Revue archéologique de l'ouest, tome 18, pp. 211-217.

LYSTER FRANCO, Gonçalo; SERRÃO, Eduardo da Cunha; GUERREIRO, Marília; AFONSO, Aniceto (1984-88) – Escavações no Antigo Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra. In *Arqueologia e História*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Série X, Volume I-II, pp. 157-186.

MARTINS, Adolfo. RAMALHO, Maria Magalhães (2016). Navios no Mosteiro da Batalha: contributo para o estudo dos graffiti históricos. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.19, Património Cultural, Lisboa, pp. 301-311.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; Serrão, Vitor (1978) – Vestígios da antiga Capela do Espírito Santo dos Mareantes em Sesimbra. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, V. I, pp. 387-407

Recursos internet:

<http://graffitimarins.free.fr/graffiti03.html>